

UM OUTRO INVERNO

REFLEXÕES SOBRE O NÃO HUMANO EM TEMPOS DE QUARENTENA

Nicolau Namó Spitalé¹

RESUMO: COMO TEMOS COMPREENDIDO O SER HUMANO? QUAIS SÃO OS SEUS CONTORNOS ENQUANTO “SER”? TENDO OCUPADO E MAPEADO TODA A EXTENSÃO DO GLOBO, CABE PERGUNTAR: QUAL OU QUEM É A NOSSA VIZINHANÇA? QUAL POLÍTICA ELA PEDE? TALVEZ A PERGUNTA SE FAÇA FORÇOSAMENTE, JÁ QUE, COM A PANDEMIA DE COVID-19, ESTAMOS VIVENDO UMA AMEAÇA QUE SE ORIGINA DO FORA, DO EXTERNO, DO NÃO-HUMANO. É POSSÍVEL TRAÇAR LIMITES ÉTICOS PARA NOSSA RELAÇÃO COM O EXTERNO? PENSAR ECOLOGICAMENTE PRESSUPÕE UMA ÉTICA E UMA POLÍTICA INTER-ESPECÍFICA, MAS TAL DIMENSÃO PERMANECERÁ INTERDITADA SEM QUE UM SENSO DE SOCIEDADE SE TORNE PREMENTE, E NOS FAÇA RECONHECER COMO REAL O QUE HÁ DE COMUM PARA ALÉM DO INDIVÍDUO: A ESPÉCIE HUMANA.

PALAVRA CHAVES: ECOLOGIA, ÉTICA, PANDEMIA, NATUREZA, SOCIEDADE.

¹ Nicolau Namó Spitalé é graduando de filosofia pela UNIRIO, músico formado em baixo-elétrico pela EMESP e ator formado em Artes Teatrais pela ETEC de Artes (São Paulo). Tem se dedicado a conectar as linguagens do verbo, do som e do corpo, fascinado pela diferença e pelo sonho da conexão.

Certa noite um amigo me disse: “o ser humano tentou escapar de algo que, na natureza, é inescapável”. Ele estava se referindo ao ciclo das quatro estações. A ideia era que o ser humano se mostrou obstinado a criar para si um mundo estável, em que o tempo é regular, aritmético; onde o clima não tem poder para interferir drasticamente no cotidiano. Basicamente, um mundo sem estações, que permanece o mesmo ao longo do ano.

Sabemos que o inverno, para as sociedades antigas, era algo fatal. Um período do ano em que a terra simplesmente diz não. Nele precisamos nos resguardar e resistir, e só. Vivenciar o tédio, a espera, a escuridão, o frio e a fome. Meu amigo me lembrou do inverno assim, como um período necessariamente doloroso. Mas ele acreditava que era preciso vivê-lo. Enérgico, ele me dizia que sem o inverno não haveria primavera, nem haveria outono sem verão... Sem se justificar, afirmava que o ser humano estava cometendo um grande equívoco ao tentar se desvencilhar dessa vicissitude, porque para ele essa era a experiência mais completa do tempo. Era a sua crença. Sem argumentar, apenas afirmou. Naquela noite - estávamos na rua - não o questionei e me senti inclinado a pensar do mesmo modo. Convertido, digamos assim.

Não vou tentar argumentar a favor de uma suposta experiência mais completa do tempo, ou do que seria a *vida* do tempo. Mas é mobilizador lembrar das imagens que ele me provocou na cabeça com aquela fala eloquente. No inverno, por exemplo, a visão de uma árvore velha, de tronco quase negro, com galhos retorcidos, secos e sem folhas, sob um fundo cinzento. Isso me afetou. Ainda mais fortemente quando, em seguida (talvez por meio do cinza) imaginei os prédios da avenida Paulista – assim: vistos por quem está no chão, com o céu atrás, mais turvo do que nublado. A imagem arbórea é mais impressionista, pictórica, enquanto a segunda é quase uma fotografia, documental. Movimento e inércia. Diferença radical, que me mobiliza até hoje. Já naquele tempo, uma questão, ainda sem formulação, parecia se instaurar em mim. E hoje talvez eu consiga verbalizar. Terá o ser humano conseguido criar esse mundo imunizado?

Penso ser normal a ideia de que nós estamos “a salvo” da face implacável da natureza. Claro, há pessoas mais ressabiadas. Estas dizem: “Ainda não logramos salvar toda a humanidade. Mas é só porque a civilização ainda não incorporou toda a população mundial. É questão de tempo. Devemos apenas continuar trabalhando pelo progresso”. Porém

excetuando aos mais ressabiados, acho bem possível afirmar que essa ideia - de um mundo, digamos assim, imunizado - esteja bem presente na subjetividade de grande parte das/ dos indivíduos/os. Não só presente, mas de modo basilar, que estruture o que as pessoas entendem por realidade.. Se ainda não é a realidade global, é apenas por um déficit técnico e racional.

Não é para menos. Eu mesmo, tendo vivido em São Paulo e passado centenas de vezes pela mesma avenida Paulista, tenho todo um *hard drive* bem solidificado em meu interior que me garante uma certa “estabilidade” do real. A gente absorve todos os dias uma paisagem que se mantém indiferente a tudo, que é a mesma durante o ano todo e que poderia ser a mesma em qualquer outro lugar do mundo (não há nada de propriamente tropical no concreto e no silício). “Verão”, “inverno” ... essas palavras têm um significado cada vez mais simbólico para um sujeito que não tem, na relação com a terra local, seu ritornelo, sua construção diária e seu cotidiano. Estações são ornamentos para os meses do ano. Agora, “mês” e “ano”: essas sim têm uma eficácia concreta sobre o sujeito. Engrenagens de um tempo-relógio, cuja bateria é a economia.

Quando se conjectura sobre quais são as fontes reais de perigo para a estabilidade geral das coisas, não pensamos em nada de ação natural. Numa realidade de ritmo e materialidade mecânica, os perigos são estritamente da dimensão humana. Perigoso é só o que a (in)consciência humana pode fazer de perverso ou de absurdo, num mundo onde ela e apenas ela conta. Para nós, só existe a possibilidade econômica da catástrofe. Nunca ecológica.

Quando pensamos em catástrofes naturais, como terremotos no Haiti ou deslizamentos de terra no Guarujá, tendemos a justificá-la com base em conflitos políticos de várias ordens (histórica, social, geopolítica, etc), mas que não ultrapassam o plano econômico ou técnico. O conflito se reduz à posse desigual ou inábil da terra. Tudo é posterior à propriedade e ao domínio da terra pelo humano.

“O humano possui a terra”. Talvez seja possível superar o paradigma da posse. Mas então, que verbo colocar aí, no meio, entre ser humano e terra? Como ficaria essa sintaxe? Usufruir? Ocupar? Cuidar? Ou, quem sabe, escutar? Quem sabe até mudar de sujeito! A terra pode possuir o humano?

É como se tudo que é endógeno ao ser humano estivesse passível de ser questionado. Sua consciência, sua ética, até sua inteligência, tudo isso é perecível, mortal. Mas quando se trata de se levantar questões a respeito da existência mesma do humano, do seu ser, bom... aí entramos num território de natureza estranha. Uma natureza, digamos, divina. É transcendental, muitas vezes até sagrada. Aparentemente não está ao alcance de meras cognições profaná-la. Muito menos questioná-la. A “natureza humana”.

Pensar a disputa pela terra (e tudo que não é humano) nos coloca num plano carnal. O desejo e toda a sua imprevisibilidade torna o usufruto do não humano algo disputado, político. Estamos no universo pictural de Jerônimo Bosch, lançados num mar de tentações que tornam volátil todo posicionamento, toda forma e todo conteúdo. Cercados por quimeras, aquilo que mais queremos pode nos devorar. Mas há algo que está resolvido de antemão: a divindade humana.. Conhecendo-a bem, não cairemos nas desgraças da tentação. Está pressuposto que o pecado e o perigo da danação resultam da asserção equivocada a respeito sobre se é ou não é humano. Se o objeto desejado é humano, sei que tem alma, portanto eu posso copu-

lar, mas não comer. Se é não humano, sei que não tem alma, portanto eu posso comer, mas não copular. Assim, seria apenas uma questão de sermos racionais o suficiente para não nos enganarmos. Se o usufruto da terra está dado e *se o mundo não possui alma*, o ser humano, nele mesmo, está resolvido. Sua singularidade é a razão. Sempre estaremos certos perante aquilo que, por não ter alma, está abaixo. Pois algo que não pensa não poderia estar certo sobre algo. E, desde que não fira seres humanos, não há nenhuma questão ética em se explodir uma montanha ou matar um pássaro. Não é assim? Dada a natureza racional do ser humano, cabe apenas distribuir racionalmente a terra. O conflito logo estará resolvido.

Mas, eis que chegamos ao século XX. A bomba explode e, através da ferida, vemos a colonização, a necropolítica, a tecnocracia... Foi um lapso irracional que nos levou a isso? Um pico de animalidade? Talvez seja melhor pensar que sim. Afinal, somos humanos. Mas o que acontecerá quando aprimorarmos nossa memória a ponto de lembrar que, na verdade, antes de sermos, nós estamos? O que temos a dizer a respeito do *estar* humano? Difícil pensar. Vamos partir do ser.

Tenho escutado muitos pensamentos que se justificam com “porque o ser humano conseguiu ter sete bilhões de indivíduos, dominando a terra”, “porque ele aumentou extraordinariamente sua expectativa de vida”, “porque ele logrou se adaptar a qualquer ambiente”, “porque ele criou a civilização”... Tudo dado, usado como parte fixa do argumento. Claro, não seria coerente, do ponto de vista cognitivo, negar tais dados. Mas meu questionamento não vai nessa direção. A pergunta é: qual é a natureza dos fatos e dos eventos que utilizamos para indicar a singularidade de nossa espécie? E por que essa não é uma questão política? Talvez seja uma pergunta, ainda hoje, indecorosa. Me parece que os fatos citados indicam, em suma, um ser que tem na dominação, no controle, na expansão e na ordem, as chaves para sua identidade. É necessário dizer que outras experiências de humano, fora da linha ocidental-colonizadora, nos fornecem uma infinidade de fatos muito diferentes desses, mas não menos singulares?

Para nos definir, tendemos a recorrer, normalmente, a uma relação entre razão e tecnologia. Esta última, com um sentido muito específico: algo protético, externo ao corpo, controlado pela primeira. Essa tecnologia diz respeito à nossa relação com o meio, pois se realiza pela extração e o processamento do

mundo material. No caso, com a intenção de nosso benefício. Partindo desse pressuposto, acabamos entendendo como dado que o ser humano é designado “naturalmente” a se sobrepor sobre o meio. Assim, “naturalmente supranatural”, a nossa relação com o não-humano deixa de ser tema da ética. Esta fica circunscrita ao que concerne às relações endógenas à espécie.

Poderia dar exemplos de outros modos de pensar a tecnologia, partindo dos mundos ameríndios. Mas a minha intenção não é nem mesmo negar esse postulado racional-tecnológico do ser humano, tradicionalmente ocidental. Mas, sim, advertir sobre essa presunção de certeza sobre o que somos. A questão da singularidade humana segue aberta.

Quando a definição de algo entra para o plano do apolítico, não provocando discussões sobre si, apenas servindo de alimento para outras, é crucial redobrar a atenção. No entanto, estamos num momento confuso demais para saber se não sabemos. Quando falamos da nossa espécie, tendemos a relevar a pretensão da certeza. Sabemos que há uma pretensão, que a questão é difícil, mas ao mesmo tempo não sabemos dizer o que a torna assim. Isso porque, bem, a singularidade da espécie humana

é uma das coisas mais obscenas do tempo atual. É só olhar a paisagem metropolitana. Nada é mais evidente do que a estranheza do humano perante outros animais. No entanto, o fato de algo ser evidente é garantia de conhecimento? O corpo é evidente, obscenamente evidente. Mas nós temos certeza sobre o que pode o corpo? Acaso nós temos certeza sobre o que pode a espécie humana? E aí, Poder é tanto no sentido de potencialidade, possibilidade, quanto no sentido ético, moral.

O pensar ecológico é perguntar-se a respeito da política, da ética e da moral como temas inseridos no seio de uma *vida*, interespecífica, *entre* as espécies. Pois é bom que não nos esqueçamos: nós *estamos* humanos. Não temos nenhuma confirmação assertiva a respeito dos traços que delimitam o ser ou não ser humano. E, se este tem um limite, seja lá qual for, é porque existe algo do outro lado. É porque existem outras espécies, outros corpos, outras organizações. Outros seres. Provocados pela incerteza a respeito de nossos limites, passamos a sentir a presença de uma alteridade. Em virtude da possibilidade de violência que o outro nos coloca, nos vemos obrigadas/os a pensar, novamente, em uma ética. Porque a violência é uma via de mão dupla. Quem fere hoje, poderá ser ferido amanhã.

Tendo em vista a possibilidade e estar fundamentando todo um ser por meio de um gesto antiético e violento, é de se preocupar quando as pessoas se mostram muito certas sobre o que é ser humano.

Por acaso nós temos na ponta da língua a vez em que o mundo externo, não-humano, nos confirmou nossa razão de existir? Pode ser que um dia a gente não exista mais. Se isso acontecer, só poderá ser um processo doloroso. E intuo que essa dor será distribuída por critérios econômicos. Atingirá, antes, as periferias do corpo humanidade.

Volto a pensar na conversa que tive com meu amigo. Imagino uma sociedade que recebe o mundo natural em sua vicissitude, que o entende como algo a ser vivido, com toda a precaução, mas também toda a atenção. Vislumbro, nela, um ser humano que está constante e conscientemente em contato com seus limites, não apenas físicos. Haveria assim o trabalho de estabelecer meios de comunicação com o fora. Não apenas nas catástrofes, mas no cotidiano, já que o não-humano estaria presente o tempo todo através do nosso corpo e por meio da nossa arte. O que é externo ao ser humano como algo profundamente interno ao ser.

O não humano como um elemento essencial da cultura e de todas as forças produtivas da sociedade. Mais do que um saber sobre o mundo natural, saber *com* ele. Essa experiência só seria possível havendo, antes, um senso de sociedade humana; havendo uma preocupação sólida em proteger aquilo que há de comum entre os indivíduos da espécie, para além e aquém da individualidade. Seria preciso a incorporação no coletivo de uma sensibilidade apurada em relação ao que é comum. Um comum evidente, situado entre as dimensões individual e não-humana, mediando nossa comunicação com o fora.

Perceber a humanidade como uma subjetividade (ou sujeito) a ter seus direitos e modos de existir garantidos, até para poder exercer uma defesa verdadeira dela – enquanto processo, enquanto *estar* humano. Ganhando consistência em nossa percepção, essa humanidade teria meios de se expressar, podendo então existir na sua própria perspectiva, como sujeito. Assim, nos daria a base para pensar o humano como uma estância singular, interna a algo que o extrapola e no qual está contido: uma pluralidade viva, interespecífica.

Tal sociedade, no entanto, está longe de se mostrar no presente como uma realidade comum viável. São muitos os passos geracionais a serem dados. Mas não há dúvida de que o primeiro se dá pelo restabelecimento do senso de sociedade, da sensação de responsabilidade pela vida de quem eu não conheço. Sem isso, a espécie humana será uma abstração quantitativa da população global.

Entretanto, o Covid-19 nos colocou em um estado de alerta que reacende a questão dos limites do humano enquanto espécie. Talvez muitos estejam entendendo-o apenas como uma catástrofe que a humanidade irá bravamente enfrentar, por meio de sua racionalidade. Mas isso ignora a hipótese de que tal fenômeno seria uma ação do não humano, ou seja, da vida terrestre, para readquirir um balanço em sua entropia. Deixa escapar um dos agentes do processo, inserindo os fenômenos naturais dentro de uma sucessão de eventos completamente objetivos, sem qualquer traço de subjetividade. É uma visão antiecológica.

Ainda que, por enquanto, não possamos provar uma inteligência não humana, certamente temos dados empíricos para nos questionarmos a respeito da realidade de uma intenção não humana. Uma intenção que se origina de um ser que não está abaixo de nós, visto que poderia nos dizimar. Um ser que, se não podemos compreender completamente, devemos no mínimo respeitar. Mas, sobretudo, é no elo com essa exterioridade que reside a chave para uma compreensão mais imparcial a respeito da vida. Esse elo existe?

Quando me deparo com a capacidade absurdamente sofisticada que nossos poderes têm para produzir verdades – falsas, mas ainda assim verdades – que negam qualquer traço de desvio do status quo, como um grande e hiper tecnológico “*tá ok*” global, é difícil não se lançar à desilusão. Com potencialidade de niilismo. Mas visto que até as mais individualizadas (e individualizantes) vias de expressão do poder, como Trump, já mudaram de postura, admitindo se tratar de um grave risco à normalidade, vislumbro uma faísca esperançosa. Ainda que o capitalismo, entendido como uma máquina de destruição da alteridade, não esteja sendo questionado, ao menos a normalidade está. Ao menos parece ainda haver forças – e nesse caso ela é não humana – que conseguem penetrar nas brechas da tecnologia de controle, que a muitos de nós já retirou a esperança de prosseguir com a História. Haveria modos de apreender delas algo para uma nova tática?

Entretanto, apesar da leitura otimista do fenômeno, ainda estamos vivendo uma situação de extrema impotência do ponto de vista humano, o que gera em contrapartida várias leituras pessimistas. Estamos forçados a ficar dispostos do modo mais individual possível, estratificados num atomismo social. Claro, a contemporaneidade é meio gasosa; há comunicação entre esses átomos distantes. Mas o meio que temos para nos comunicar é essencialmente virtual, tecnológico e, como tal, está contido dentro de uma lógica de manutenção do controle, presidida pelos interesses das transnacionais de informação. Ainda que possamos organizar painéis, há ainda uma realidade corpórea lá fora, composta de assassinato, tortura e ainda mais violentas (e lentas) mortes. O mundo digital é como uma ilha ontológica, onde a humanidade encontra um *safe place*, uma redoma. Nele é onde o tempo é sim ordenado, onde o que aparece é controlado por processos exclusivamente humanos e é onde o mundo natural não pode interferir diretamente. Mas quem não tem a chave para acessar plenamente o digital, nem ao menos tem o direito de compartilhar o próprio desespero.

Tendo em vista essas divergentes camadas de leitura do Covid-19, tento encontrar uma outra, que concilie positivo e negativo. Aqui que me vem, novamente, a conversa com meu amigo. Estou novamente tendendo a uma conversão à sua crença, de que devemos viver a vicissitude. Agora, de um modo um pouco menos irracional. Por ter sido causada por um agente biológico não humano, sinto que essa quarentena e toda a sua concretude, de uma dificuldade impossível de não sentir, pode servir-nos como um outro “inverno”, no modo como coloca em evidência a premência da terra e os nossos limites, forçando-nos ao resguardo e à espera. Mas essa seria talvez a melhor ocasião para uma escuta da terra, do não humano que se manifesta em nós e ao nosso entorno. Por que escuta? Porque escutar implica uma relação entre diferentes, implica um outro agente, implica, acima de tudo, que não se pressuponha ou se categorize automaticamente aquilo que se coloca diante de nós. Um modo de *entender* que está conectado a uma diferença, presença de um desvio do que é normal e conhecido.

Espero que essa escuta que possivelmente se inicia agora, nunca mais seja impedida por uma presunção irresponsável a respeito do nosso ser. Está ficando claro que a aparição de uma subjetividade não humana com a força para nos destruir, ao nos fazer procurar pela nossa continuidade enquanto espécie, é capaz de alterar até aquilo que é mais estabelecido, como a interdição do senso de sociedade. Tendo a dimensão ecológica como algo premente, todos os nossos sistemas de realidade são postos em xeque, visto que há forças não humanas que podem dismantelar nosso mundo econômico e imunizado. Assim, é impossível não ver uma brecha para alterar alguns valores e, talvez, libertar da moeda o valor da solidariedade e da vida humana. A despeito do indivíduo, é o momento para termos um vislumbre do corpo da *humanidade*, do seu estado de saúde, de seu sistema imunológico, de como o afetam seus vícios e, também, de sua singularidade, da sua potência enquanto *participante* do ser vivo.